

# **Belém e seus encantos de cobra, uma *leitura- audição* fragmentada da cidade**

Paulo Nunes  
Universidade Federal do Pará

## **Parte I: Primeiro Fuxico**

*Credo! Cruz!  
lá vem a cobra-grande  
lá vem a boiúna de prata...  
a danada vem rente à beira do rio  
e o vento grita alto no meio da mata!*

*Cunhatã te esconde  
lá vem cobra-grande  
á-á  
faz depressa um oração  
pra ela não te levar  
á-á...*

*A floresta tremeu quando ela saiu,  
quem estava lá perto, de medo fugiu  
e a boiúna passou logo tão depressa,  
que somente um clarão foi que se viu...*

*A noiva Cunhatã está dormindo medrosa,  
agarrada com força no punho da rede,  
e o luar faz mortalha em cima dela,  
pela fresta quebrada da janela...  
êh! cobra-grande,  
lá vai ela!*

**Waldemar Henrique,  
compositor da primeira fase  
do Modernismo brasileiro**

### Segundo Fuxico: Belém, esse baú de cobras

A história abaixo transcrita foi recolhida pelos pesquisadores do programa “*O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense*”, do Centro de Letras/Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Trata-se de uma história ouvida, guardada em fita e registrada em livro<sup>1</sup>. Uma versão a mais, sem o “dedo” de escritores profissionais, por isso, imaginamos, esteja mais próxima da *verdade verdadeira* que a imaginação popular encerra. Mas como *quem conta um conto aumenta um ponto*, esta narrativa servirá tão-somente para iniciarmos nossa abordagem, muito pouco acadêmica, das muitas presenças da forma serpentária na cultura de Santa Maria de Belém do Grão Pará, cidade ambígua, má e boa, problemática e fascinante, como as diversas cobras que a habitam.

#### A Cobra Grande

*Para não assustar demais,  
ela aparece ‘assim, assim como vem  
um espírito’.*

*“Também tem do... Da cobra grande, né?  
Da sucuriju. Que morava um senhor numa beira-mar, na  
praia. tinha umas moças bonitas... Ele apareceu. Elas...  
Elas estavam na casa. Quando elas viram no quarto,  
estava aquele quase do tamanho do quarto, aquele  
monte de cobras, cabeça no meio, com cara assustada,  
com medo, com medo. Aí, aquilo desapareceu, né?  
Depois, ele apareceu pra elas assim, assim como um  
espírito, né? E aí, falando pra ela se tinha coragem de  
desencantar ele; que ele era um encantado desde  
pequeninho.*

*Então ele queria que uma pessoa  
desencantasse ele, que já estava no tempo dele  
desencantar, vivendo na terra. Aí ela disse que já tinha*

*coragem, né? E ela já começou a namorar com ele e eles  
namoraram sempre. Aí, tinha coragem! E ele disse,  
então, que vinha tal dia aqui [ver o dia].*

*— [Veio] que é pra você pegar. Pegue uma  
lança ou então a coisa na ponta do espeto, na ponta...*

*E, quando ele encontrar aquele monte lá no,  
no quarto, para ela não ter medo, aí, ela [lança]. Aí, ele  
fez. Quando ele acendeu, que abriu a porta do quarto,  
viu tudo vivo. Encontrou, e, aí, ela não teve coragem.  
Ficou com medo e, aí, desapareceu dali. E veio pra  
[eleição e depois em pé], assim espírito vivo, que ele  
redobrou os encantos dele.*

*Era pra ele se desencantar naquele tempo.  
Como ela fez o serviço, aí redobrou o encanto. Aí,  
passou tempo, tempo. Aí, ele apareceu de novo pra ela,  
mas ela foi lá. Apareceu já na água, na praia. Aí, ele  
explicou pra ela qual vinha a primeira onda, a segunda  
onda, quando fosse na terceira onda, aparecia uma  
cobra enorme, mas enorme. Aquilo ... sucuriju! Das  
[de olhos] de fogo, mas não era ter medo que ele estava  
naquela casca, era uma casca... Mas que ela tirasse um  
pouco de sangue da cabeça dele. Aí, ele se desencantava.  
Aí, foi feito.*

*Aí, veio, veio de novo a primeira onda. Ele  
não veio. Na segunda... Na terceira ele apareceu. Cobra  
grande apareceu, pareceu um [toro] de pau; que ela  
olhou, eram duas tochas de fogo. Aí, ela foi pra fazer  
menção, fez três vezes, três vezes. Aí, não conseguiu.  
Não conseguiu porque ficou com medo. Aí, voltou de  
novo. Aí, ele disse que ela tinha redobrado todos os  
encantos dele. Não, não, não desencantou. Aí, ele foi  
com outra pessoa que tivesse coragem; que já estava no  
tempo dele desencantar, mas ele veio numa cobra.*

*(—Uh! Nossa!)*

*— É, Isso acontece.”*

Pesquisadora: Iara Costa;  
informante: Rosalina Novaes.

### Parte III: uma janela aberta para um olhar mexeriqueiro

"E veio Amor, este  
amazonas / fibras febres / e mênstruo  
verde este rio enorme, paul de cobras  
onde afinal boiei e enverdeci / amei /  
e apodreci".

Max Martins

Não há como negar. Belém tem sido, no decorrer dos tempos, configurada por diversos autores como um hábitat mítico. Pudera, aqui começa a Amazônia, o portão da floresta. Desde o período de colonização do norte do Brasil pelos portugueses, pouco antes de 1616, os viajantes - não sabendo o que iam encontrar pela frente - punham-se a imaginar, férteis imaginações, o que iriam encontrar pela frente. Assim, de certo modo, quando Francisco Caldeira Castelo Branco, saindo do Maranhão para o Grão Pará (Pará, do tupi, pa'ra: mar; nome do braço direito da desembocadura do Rio Amazonas), estabeleceu-se na foz do Rio Amazonas e construiu o Fortim do Presépio, embrião da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, estavam preparados os alicerces para a construção do imaginário desta região grandiosa.

Aos poucos, a cidade de Belém foi crescendo - na época áurea da borracha ficou inchada - e sua população acabou construindo um imenso repertório cultural, que visitantes, cientistas, poetas e ficcionistas - ao longo dos trezentos e oitenta anos da cidade - acharam de alargar. Embora a cidade tenha estado, nos últimos quinze anos, bastante mal tratada, ela parece não perder o encanto que faz com que seja tematizada por inúmeros escritores brasileiros de diversas épocas. Podemos neste momento citar alguns: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Djavan, Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Ignácio de Loyola Brandão, nomes nacionais, além de Ruy Barata, Bruno de Menezes, Eneida, Lindanor Celina, Jorge Eiró, Age de Carvalho, nascidos em terras paraenses.

### Parte quatro: as cadeiras nos aguardam para uma conversinha à porta

Basta passearmos nas ruas, conversarmos com os moradores, visitarmos o Mercado do Ver-o-Peso, as feiras da cidade, conhecermos as ilhas de Mosqueiro, Outeiro e Cotijuba, para percebermos que embora Belém seja um centro urbano massacrado pelos maus governos, ela resiste devido a este imenso patrimônio construído por seus habitantes, herança-fusão da cultura do índio, do colonizador português e do negro africano. O acervo mítico-lendário dá-nos conta de um sem-número de imagens e, sobretudo, narrativas que devem ser recuperadas antes que o poder dos meios de comunicação de massa devaste-as. Felizmente, para nós, este trabalho vem sendo realizado pela Universidade Federal do Pará/Centro de Letras e Artes, sob a coordenação dos professores Maria do Socorro Simões e Christophe Golder, ligados à Pós-Graduação em Letras. Trata-se de *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense*, programa que recolhe, nas diversas micro-regiões paraenses, causos contados por pessoas de Belém e dos Interiores. O resultado deste trabalho pode ser confirmado através da publicação patrocinada pela UFPA., em convênio com a Cejup Editora<sup>2</sup>. Estão à disposição do público os dois primeiros volumes do trabalho, que podem ser encontrados nas livrarias de Belém. A leitura das narrativas destes livros deixa clara a desconfiança de que o boto e a cobra grande sobrepõem-se em popularidade aos demais personagens lendários.

Nosso trabalho, no entanto, visa a explorar tão-somente a imagem da *cobra* em algumas formas do imaginário da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará.

### No Pé do ouvido: quinta conversinha fiada

As recorrências da imagem da cobra, em Belém, são inúmeras. Se chegarmos de avião, a primeira impressão que se tem, lá de cima, é a de que a cidade nasceu nas laterais de uma

vasta serpente d'água. Toda a sugestividade e a sensualidade emergentes destas imagens viris têm muitas possibilidades de ser confirmadas ao descermos do avião e colocarmos o pé na terra.

## VI

### Alguém fazendo pelos cotovelos: as várias cobras da cidade. Cobra que é cobra?

Conta a lenda que Belém é sagrada, tem o nome da Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. E é esta Senhora, vestida nas mantas de Nazaré, que se transformou, ao longo dos séculos, na padroeira e rainha da cidade. Outubro que o diga. Quatro procissões, uma por água, duas a pé e uma rodoviária, saúdam a Virgem Padroeira. Mas não é isso que importa agora. O que vale é dizer sobre uma história que dona Preta, vendedora de ervas no Ver-o-Peso, conta a quantos quiserem ouvir.

Diz a velha, de cabelos negrolisos, pele queimada, boca solta e gestos largos, que sob Belém vivem plantadas duas serpentes, bichos imensos, pra lá de duzentos metros de tamanho e trinta de largura, que se arrastam - uma embaixo da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré e outra sob a Catedral da Sé - nos porões da terra. Embora sejam cobras ciganas, elas saem à noite para caçar e namorar, quando o dia desanoitece, elas retornam pras suas casas, o subsolo das igrejas. *"Temu que torcê pra elas num se encontrá nunquinha, seu menino... Se Elas se encontrá vai dá coisa ruim. A gente pode 'te desaparecê, sabia?"* As pessoas, meio excitadas, esboçam, em torno da velha, um risinho desconfiado no canto da boca, mas não têm coragem de renegar as palavras daquela mulher sexagenária que sabe, como ninguém, receitar plantas para empaludismo, sezão, mau-olhado, morrinha, desamor e outros males. É só ir lá no Ver-o-Peso. Quem viver verá, daqui a alguns anos, se esta história de cobras é ou não verdadeira. O que se sabe apenas é que, no final da década de sessenta, a terra tremeu na cidade; foi um *Deus nos acuda* e, há dois anos, a torre da Catedral espatifou-se ao chão. A imprensa

falou em um raio. Será? Não teria sido estrago da Boiúna? Sabe-se também que atrás da Basílica, no bairro de Nazaré, foi proibido o tráfego de caminhões e ônibus, uma vez que os alicerces da igreja tiveram de ser reforçados, uma das paredes ameaçava desabar. Quem ouve as histórias de dona Preta *fica com a pulga atrás da orelha*. Isso é lenda mesmo ou verdade já virou?

### A letra que virou cobra e mais nada

A literatura - oral ou escrita - produzida na Amazônia registra uma infinidade de recorrências da cobra enquanto personagem de uma malha imaginária, fabulosa. Destacaremos, no entanto, apenas dois escritores que se enquadram em nossa abordagem: Raul Bopp e Paes Loureiro.

Raul Bopp, poeta gaúcho, andou por Belém no início deste século. Por aqui, transitou no grupo de intelectuais que freqüentava o Largo da Pólvora, atual Praça da República. Certamente aqui Raul ouvia as histórias da Cobra Norato e da Cobra Grande. O Modernismo fervilhava em sua necessidade de redescobrir o Brasil, necessidade que marcou a primeira geração, capitaneada por Mário de Andrade. Aí veio a "iluminação", Raul, seguindo a tendência do *Grupo Antropofágico*, o qual visava à "devoração" da cultura importada, recria a lenda da Cobra Norato, uma das mais marcantes páginas da poesia amazônica. Os poetas que sucederam Bopp tiveram uma grande fonte onde "beber".

A Estrutura de **Cobra Norato** segue - embora não rigidamente - os moldes épicos. Josse Fares, em trabalho didático que circula em Belém, é quem diz: *"O canto I corresponderia à proposição. A narração, o corpo do poema, estaria justamente na caminhada pela floresta, quando o herói procura a filha da rainha Luzia (do Canto II ao XXX). O epílogo seria identificado nos cantos XXXI, XXXII e XXXIII, quando o protagonista encontra a noiva eleita e, depois de disputá-la com a Boiúna, segue para Belém, onde se casa..."*<sup>3</sup>

Recorramos ao texto de Raul Bopp, trecho do canto XXXI, quando Norato e o compadre Tatu, dialogam:

*“Esta é a entrada da casa da Boiúna (...)*

*Lá adiante*

*Num estirão mal-assombrado*

*Vai passando uma canoa carregada de esqueletos*

*Neste Buraco do Espia pode-se ver a noiva da*

*[Cobra Grande*

*Compadre! Tremi de susto*

*Parou a respiração*

*Sabe-se quem é a moça que está lá em baixo...*

*[minha como uma flor?*

*– É a filha da rainha Luzia!*

*– Então corra com ela depressa*

*Não perca tempo, compadre*

*Cobra grande se acordou*

*– Sapo-boi faça barulho*

*– Ai Quatro Ventos me ajudem*

*Quero forças pra fugir*

*Cobra Grande vem-que-vem-vindo pra me pegar*

*Já-te-pego. Já-te-pego (...)*

*Vem amassando mato*

*Uei! Passou rasgando caminho*

*Arvorezinhas ficaram de pescoço torcido*

*As outras rolaram esmagadas de raiz para cima*

*Pajé-pato lá adiante ensinou caminho errado:*

*– Cobra Norato com uma moça?*

*Foi pra Belém Foi se casar*

*Cobra Grande esturrou direto pra Belém*

*Deu estremeção*

*Entrou no cano da Sé e ficou com a cabeça*

*[enfada debaixo dos pés de Nossa Senhora*

*(p.80, 81, 82)<sup>4</sup>*

João de Jesus Paes Loureiro, poeta de Abaetetuba, hoje residente em Belém, autor da primorosa trilogia da poesia amazônica, em 1975, publicou, pela Editora Sagrada Família, o livro *O Remo Mágico*<sup>5</sup>, no qual reconta a lenda de Cobra Norato e das Icamiabas. Estes trabalhos mereceram versões em disco. Cobra Norato, por exemplo, foi musicado e gravado pelo Quinteto Violado, grupo musical pernambucano em *Até a Amazônia?* (Phonogran, Rio de Janeiro, 1975). Mais tarde, 1985, a mesma casa fonográfica editou *Rostos da Amazônia*, no qual o poeta, com o fundo musical do violonista Sebastião Tapajós, grava seus poemas em LP.

Esta versão de Paes Loureiro da tradicional lenda amazônica configura páginas de profunda eroticidade e poesia. O livro - já esgotado - recebeu ilustração do artista plástico paraense Fernando Pessoa, que acaba reforçando o apelo erótico do texto. Embora ainda esteticamente não tão maduro como quando escreve a Trilogia Amazônica (*Porantim, Deslendario e Altar em Chamas*), Loureiro explora a narratividade do discurso e a carga sonora das palavras, sem esquecer o teor imagético que apela para o sensorial do leitor. Leiamos o trecho abaixo:

*“Aqui, começo cantando / como o riomar que corre, / buscando, no mar da lenda / novas razões de cantar, vida de Cobranorato, / cuja verdade decorre / de ser não-sendo e, no entanto, / permanecer existindo / por nunca ter existido.*

*Presença muito mais viva / de ser por nunca ter sido(..)  
É dentro do Furo-Grande, / lá no rio Tucumanduba, / que Cobranorato mora / no fundo de escuro poço / onde o tempo é sempre outrora.*

*Seu pai era alentejano / e plantador de cacau, que enriqueceu no Pará / no período colonial.*

*O filho Honorato, um dia / – antes de ser cobrhumano - / naufragou na tristeza, destino de ser humano. Apaixonou-se da Iara / e, agora, que naufragara / só ela o podia salvar. Foi quando encantou-se cobra / com existência de rio / e seus delírios de mar.*

*E desde então dessa hora, / ter. outrora, nosso tempo, / todo filho que nascia / de amor que ninguém sabia, / era filho de Honorato, / mentiramente verdade, / que a ira em paz recebia, / nesse estranho gesto humano de consentir-se no engano (...) Estava Cobranorato posto em seu desassossego, rio de escamas coleando os barrancos do desejo.*

*Todo seu ser exigia / mulheres sob as virilhas. / Por entre as ilhas da espera, / guloso de maravilhas, / pelos deltas do desejo. / Queria encontrar o mar, onde espojasse mistérios em coxas de preamar.*

*Erguia-se todo quilhas, / faminto de navegar / carnes donzelas, arquejos, / arrepios, penugens, ar...*

*Onde é que houvesse epiderme / de moça queria beijar, / cobri-la de espuma, escamas / do mais juzante gozar.*

*E, em suas praias abertas, / vasto sexo lunar, / rolar em beijos, mergulhos / de gaivota a pescar. Queria peitos inuptos / para neles se aninhar.*

*O rio enchia e vazava, / pororoca, baixa-mar / e Cobranorato não / sabia outro pensar. / Queria corpo de moça / e nele se naufragar. Comandante de si mesmo, / navio a se comandar, / com sua existência de rio / e seus desejos de mar, / Cobranorato navega / na barca do meu cantar (...)*

*Que amor é esse que nasce / do que sequer não nasceu, / que sem ter onde nem quando / nem a si se conheceu.*

*Amor que nasce, desnasce / e faz-se existir nascendo / sem ter nascido, vivendo / de nunca sem ter vivido, / ausência feito presença (...)*

*Preamar, prenhez, amor / tecido em redes de medo.*

*Coisa oculta, amor fechado / em sete selos de sombra, / rosto sim multiplicado / nos espelhos de penumbra.*

*As coxas pelas alcovas / se abrem nos ofertórios. / Amor presente na ausência, / riso interno, odor, malícia / de donzelices, disfarces / de muitas faces, delícia / do engano, jogo, carícia / do medo, luz, gozo interno.*

*Vulto crescido nos sonhos sumindo em curvas de rio. / Ninguém sabe como ama. / Nem como se fez amado.*

*Oh! monarca de menarcas / em arcas de amor guardado. Mentira dita e redita / que quem mentiu acredita(...)*

*Mentira sagrada aceita / por todos como verdade, / pacto geral com sentido / oficialmente assentado (...) Terras*

*caindo na alma / sepultando seus segredos, / que aquilo que ouvidos ouvem / e os olhos não ficam cegos, / a boca faz que não sabe / e a linguagem se demite / da imagem do pensamento, o mundo perde o limite / e a vida perde o momento (...).*

Embora tenhamos destacado apenas a parte epifânica do texto de Loureiro, ele apresenta uma releitura da lenda, acrescida de uma visão agônica, conforme denuncia o subtítulo do poema "Cobranorato ou *Pesadelo Amazônico*". Trata-se da invasão da selva pelos males da colonização do capital devastador: as máquinas que destroem as matas (e conseqüentemente os rios) para implantar o pasto. A lenda começa a transformar-se na deslenda, projeto de denúncia que o poeta aprofundará mais tarde na *Trilogia da Poesia Amazônica*. Mas antes do poema ser invadido pela deslenda, o texto traz as marcas da imprecisão temporal, da dicotomia entre verdade e ficção, além da tentativa de explicar a devastação da Amazônia através de um poema-história, o que pode ser suficiente, a nosso ver, para caracterizar o mito.

Se observarmos os dois poemas - de Bopp e de Loureiro -, há de se confirmar a presença da serpente enquanto mito. Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de Símbolos*<sup>6</sup>, reforçam a força criadora e erótica do mito da serpente. Dizem eles: "Apesar de séculos de ensinamento oficial obstinado em mutilar sua polivalência, veremos que a serpente permanece senhor da dialética vital, o ancestral mítico, o herói civilizador, o dom-juan mestre das mulheres e, assim, o pai de todos os heróis e profetas (...)" (Chevalier, 822, 1989). E mais adiante eles arrematam: "Mencionamos a ambivalência sexual da serpente. Esta traduz, sob este aspecto, seu simbolismo, pelo fato de ser ao mesmo tempo matriz e falo. Este fato é comprovado por um imenso número de documentos iconográficos, do neolítico asiático como das culturas ameríndias, nos quais o corpo do animal (fálico, na sua totalidade) é ornado de zunidores (símbolos de vulva)..."<sup>7</sup>.

## VII: Não fala isso, menino, que Deus castiga!

## Ou de quando a cobra encarna ( espírito da fé

*“Olha lá vai passando a  
procissão / se arrastando que nem  
cobra pelo chão / as pessoas que nela  
vão passando / acreditam nas forças  
lá do céu...”*

Gilberto Gil

Valendo-nos já da “revelação iconográfica” de Chevalier e Gheerbrant, acima citada, *pegamos carona* com a presença da cobra enquanto transmutação da fé dos católicos paraenses. Embora a tradição cristã-católica veja com desconfiança a figura da serpente (a representação do mal, a provocadora do pecado original, no Éden bíblico), na maior festa católica do Brasil, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, evidente fica, para quem dela participa, as recorrências visuais da serpente. Um olhar semiótico sobre o Círio de Nazaré faria muito bem a quantos pudesse interessar. Mas como somos limitados, apenas relacionaremos tais fenômenos.

Há, na festividade de Nossa Senhora de Nazaré (quinze dias de ladainhas, shows, festas e brincadeiras no parque armado às proximidades da Basílica), ao menos três recorrências visuais da cobra. Se olharmos, no segundo domingo de outubro, a procissão de cima - ou dos edifícios ou do filtro das televisões - perceberemos aquelas milhares de pessoas, mais de um milhão e meio de fiéis, apertando-se a acompanhar a imagem de Maria. Este cortejo populoso - que caminha em direção à Basílica - parece configurar um imenso rio em busca do oceano. A *pororoca de fé* acontece quando a imagem da Santa chega à sua “casa”, no bairro que leva o nome da padroeira dos paraenses. A procissão, em vista aérea, ilude os olhos humanos. São pessoas ou uma enorme cobra que avança sob as mangueiras do centro da cidade?

Os fiéis pagam suas promessas no Círio das maneiras as mais variadas: as crianças são, pelos pais, vestidas de anjo, promesseiros carregam bastões de madeira ou peças de cera para

pagar uma graça alcançada. Mas o que mais impressiona os devotos e espectadores é, sem dúvida, a corda. Segurar a corda que protege a imagem da Santa é sinal de que uma graça muito difícil foi alcançada. A corda de juta mede quase quarenta centímetros de diâmetro, o que a torna mais “sacrificosa” para o devoto. Trata-se de uma “manifestação medieval” de fé. Um espetáculo doloroso e sem precedentes, que significa, no imaginário religioso cristão-católico, o elo entre o povo e sua padroeira. No último Círio a corda quase foi eliminada pelas autoridades eclesiais, ato que provocou uma feroz reação por parte dos promesseiros.

Mas este símbolo de religiosidade, se visto com um olhar mais liberto dos grilhões místicos, visão cínica e deslizante, pode transformar-se numa “cobra”, símbolo fálico e sugestivo, elo de amor, objeto sagrado no qual todos os devotos desejam segurar e somente largar quando a procissão é chegada à Basílica de Nossa Senhora, momento do êxtase ritualístico.

Uma outra leitura, sinuosa, da serpente na festividade nazarena é, sem dúvida, motivo de imenso prazer para as crianças. Trata-se da cobra de miriti, brinquedo fabricado em buriti (ou miriti), polpa de uma palmeira comum nos alagados amazônicos. O maior produtor de cobras de brinquedo do Pará é o município de Abaetetuba.

Para confeccionar a cobra, faz-se necessária a habilidade artesanal desde a hora de colher a madeira, até o momento da confecção e pintura do objeto. Embora hoje predominem os artefatos do futurismo, as cobrinhas de miriti desafiam a tecnologia, e fazem enorme sucesso entre as crianças paraenses.

A cobra de miriti é uma demonstração lúdica da imagem da serpente, entre as inúmeras existentes, no imaginário belenense.

## VIII: Hora dos ouvidos descansarem

As associações “serpentárias” feitas neste trabalho pouco podem significar aos olhos do leitor. Mas ocorre que

desejamos, nestas poucas páginas, enfatizar a presença de um dos fragmentos do mítico em Belém: *a cidade e seu destino de cobra*. Como afirmou Mircea Eliade em seu *Traité d'histoire des religions*: “Periodicidade, repetição e eterno presente: três características do tempo mágico-religioso que concorrem a esclarecer o sentido da não homogeneidade desse tempo kratofânico e hierofânico.” (Eliade apud Schwarz: 139, 1993). Portanto, a reatualização do mito se não pode defender a cidade do quase total descaso de seus governantes, pode oferecer aos que a habitam munição suficiente para reagir. Costurar as peças do imaginário de Santa Maria de Belém do Grão Pará - literatura, religiosidade, lendas, mitos e cultura popular - pode significar argumento para que o futuro nos possa ser menos implacável.

Que Nossa Senhora de Nazaré nos proteja! Amém!

## N O T A S

<sup>1</sup> SIMÕES, M. S. & GOLDER, C. (org.): Belém Conta. Belém: UFPA/CEJUP, 1995.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> FARES, Josse. Cobra Norato, Raul Bopp. Apostila “Leituras do Vestibular”. Belém: 1993.

<sup>4</sup> BOPP, Raul: Cobra Norato e outros poemas. 13 ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1984.

<sup>5</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes: O Remo Mágico. Belém: Sagrada Família, 1975.

<sup>6</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

<sup>7</sup> Ibidem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOPP, Raul: Cobra Norato e outros poemas. 13 ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1984.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

FARES, Josse. Cobra Norato, Raul Bopp. Apostila “Leituras do Vestibular”, Belém, 1993.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. O Remo Mágico. Belém: Sagrada Família, 1975.

SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDER, Christophe (org.) : Belém Conta, UFPA/CEJUP, Belém, 1995.

SCHWARZ, Fernand et alii. Mircea Eliade, o Reencontro com o Sagrado. Nova Acrópole: Lisboa, 1993.